



Imprensa na história, histórias na imprensa

Rodrigo Camargo de Godoi*

GODOI, R. C. **Imprensa na história, histórias na imprensa**

História Social, v. 19 n. 27/28, 2024, pp. 23-30.

<https://doi.org/10.53000/hs.n26.5379>

A partir da década de 1810, com a introdução do prelo Stanhope, o primeiro fabricado inteiramente em ferro e responsável por praticamente duplicar a capacidade de impressão dos jornais, desenhou-se o cenário que, ao longo do século XIX e início do XX, culminaria no que alguns estudiosos franceses definiram de modo certeiro como uma “civilização do jornal”.² Essa transformação foi impulsionada por uma inédita revolução midiática, que promoveu a disseminação massiva de jornais e revistas, cobrindo os mais diversos temas e assumindo múltiplos formatos, alcançando leitores e leitoras em todas as partes do mundo.³ Com efeito, a imprensa ultrapassou

* Doutor em História pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Professor do Departamento de História do IFCH-UNICAMP. Coordenador do Núcleo de Estudos da Edição, Literatura e Imprensa, NEELIM-UNICAMP.

² KALIFA, Dominique; RÉGNIER, Philippe; THÉRENTY, Marie-Ève; VAILLANT, Alain (Dir.). **La civilisation du journal:** histoire culturelle et littéraire de la presse française au XIXe siècle. Paris: Nouveau Monde, 2011.

³ No Brasil, Valéria dos Santos Guimarães tem se dedicado a analisar as implicações transnacionais de uma cultura midiática nos séculos XIX e XX. Ver: GUIMARÃES, Valéria dos Santos. A imprensa francófona no Brasil: circulação transnacional e cultura midiática nos séculos XIX e XX. **História (São Paulo)**, v. 38, p. 1-23, 2019.

o papel de mera testemunha dos acontecimentos para tornar-se uma força nas transformações históricas, permeando praticamente todas as esferas da existência.

Nas últimas décadas, a maneira como historiadores e historiadoras passaram a se relacionar com jornais e periódicos sofreu uma transformação profunda. Essa mudança não apenas reconfigurou as perguntas tradicionalmente dirigidas a essas fontes, como também ampliou seus horizontes interpretativos, consolidando um verdadeiro campo de pesquisa. Durante muito tempo, os jornais e periódicos foram lidos de maneira muito semelhante à leitura que se fazia dos relatos de viajantes, os quais também eram aceitos de forma acrítica, como registros fíéis dos acontecimentos. No entanto, a partir dos anos 1980, com o fortalecimento dos estudos de história da cultura política, emergiu uma inflexão teórica e metodológica que questionou radicalmente a visão da imprensa como um espelho dos fatos ou um depósito de informações objetivas. Sob esse novo olhar, jornais e periódicos passaram a ser compreendidos como espaços ativos de construção do tempo histórico, verdadeiras arenas onde se travavam disputas narrativas e se elaboravam versões concorrentes da realidade. Em consequência, não apenas os impressos, mas também os diversos sujeitos históricos envolvidos em sua produção e circulação passaram a ser reconhecidos como agentes que exerciam influência direta na conformação dos processos sociais e políticos.⁴

Podemos então considerar que essa reorientação interpretativa foi fundamental para superar as leituras que restringiam a imprensa a um papel meramente intermediário na transmissão de uma suposta verdade factual. Em vez dessa concepção limitada, passou-se a compreender

⁴ Essa renovação interpretativa se destaca, em especial, no campo da história da cultura política da independência e formação do Estado Nacional brasileiro. Ver: MOREL, Marco. **As transformações dos espaços públicos:** imprensa, atores políticos e sociabilidades na Cidade Imperial (1820-1840). São Paulo: Hucitec, 2005. NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira das. **Corcundas e constitucionais:** a cultura política da Independência (1820-1822). Rio de Janeiro: Revan / Faperj, 2003. LUSTOSA, Isabel. **Insultos Impressos:** A Guerra dos Jornalistas na Independência. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

a imprensa como um fenômeno histórico complexo, atravessado por interesses diversos, negociações e escolhas editoriais que, inevitavelmente, carregavam implicações políticas. Tais condicionantes não apenas orientam a seleção dos acontecimentos dignos de registro, mas também moldam as estratégias narrativas que conferiam sentido a esses fatos. Ao adotar esse novo olhar, os historiadores e historiadoras não apenas aprofundaram a compreensão das fontes impressas, mas também ampliaram a consciência crítica sobre a forma ativa com que a imprensa participava da construção da história que relatava em suas páginas e colunas.

O avanço das pesquisas na pós-graduação consolidou ainda mais a centralidade dos jornais e periódicos como fontes fundamentais, ampliando seu impacto para além do campo da história e alcançando também os estudos literários. Essa ampliação de perspectiva se evidencia, por exemplo, na coletânea *História em causas miúdas: capítulos de história social da crônica no Brasil*, organizada por Sidney Chalhoub, Margarida de Souza Neves e Leonardo Pereira. Publicado em 2005, o volume tornou-se uma referência incontornável para a minha geração de historiadores da imprensa, especialmente para aqueles interessados nas intersecções entre história e literatura.⁵ O contato direto com contos, crônicas e romances publicados originalmente no rodapé dos jornais permitiu que críticos literários e historiadores da literatura revisitassesem obras consagradas, promovendo novas interpretações que desafiavam leituras já consolidadas do cânone. Esse retorno às fontes não apenas ampliou as possibilidades de análise, como também revelou as múltiplas camadas de diálogo entre literatura e imprensa, enriquecendo a compreensão do contexto de publicação e recepção das obras.

Diante da amplitude e da diversidade das contribuições já produzidas, permito-me destacar mais dois trabalhos que, em particular, admiro profundamente. Marcello Basile tem promovido uma renovação

⁵ CHALHOUB, Sidney; NEVES, Margarida de Souza; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda (org.). *História em causas miúdas: capítulos de história social da crônica no Brasil*. Campinas: Editora Unicamp, 2005.

significativa nos estudos sobre o período regencial, ao explorar de maneira rigorosa as potencialidades dos impressos como fontes para a análise das práticas políticas e culturais do período.⁶ Por sua vez, as pesquisas pioneiras de Lucia Granja lançaram nova luz sobre a crônica de Machado de Assis, enriquecendo a compreensão de sua obra a partir do contexto específico da imprensa oitocentista, onde essas narrativas circulavam e ganhavam sentido.⁷ Ambos os exemplos ilustram com clareza como o diálogo entre história e literatura, sustentado pelo exame atento das fontes impressas, tem aberto caminhos fecundos e inovadores tanto para a crítica literária quanto para a historiografia.

Contudo, essa transformação não se restringiu às reflexões teóricas ou às práticas historiográficas. É fundamental reconhecer o papel decisivo desempenhado pela revolução digital, que tornou possível o acesso remoto a vastos acervos de periódicos. Ao democratizar a consulta a milhares de páginas de jornais e revistas, a digitalização não apenas ampliou exponencialmente as possibilidades de investigação, como também impôs novos desafios à pesquisa. Ela reforçou a urgência de abordagens metodológicas mais críticas e atentas à materialidade dos impressos e às dinâmicas de circulação que condicionam sua produção, preservação e interpretação histórica.

Assim, a convergência entre a renovação historiográfica e a ampliação do acesso proporcionada pelos acervos digitais tem sido fundamental para compreender o dinamismo que marca os estudos recentes sobre a imprensa. Lançada em 2012 pela Fundação Biblioteca Nacional, a Hemeroteca Digital Brasileira consolidou-se como um recurso fundamental para a preservação e a ampliação do acesso aos periódicos publicados no

⁶ BASILE, Marcello Otávio. Projetos Políticos e Nações Imaginadas na Imprensa da Corte (1831-1837). In: DUTRA, Eliana de Freitas, MOLLIER, Jean-Yves (Orgs.). **Política, nação e edição:** o lugar dos impressos na construção da vida política. Brasil, Europa e Américas nos séculos XVIII-XIX. São Paulo, Annablume, 2006. BASILE, Marcello. **A politização nas ruas:** projetos de Brasil e ação política nos tempos de Regências. Brasília: Senado Federal, 2022.

⁷ GRANJA, Lúcia. **Machado de Assis:** antes do livro, o jornal. Suporte, mídia e ficção. São Paulo: Editora da UNESP, 2018. GRANJA, Lúcia. **Machado de Assis, escritor em formação:** à roda dos jornais. Campinas; São Paulo: Mercado de Letras; FAPESP, 2000.

Brasil, sobretudo entre os séculos XIX e XX. Reunindo milhares de edições de jornais, revistas, anuários, boletins e outras publicações seriadas, a plataforma oferece acesso público e gratuito, viabilizando consultas remotas em larga escala. Esse modelo democratizado de acesso contrasta de forma marcante com a realidade de muitos outros países, onde os pesquisadores ainda dependem da presença física nos arquivos para conduzir suas investigações, e evidencia o impacto decisivo que a digitalização tem exercido no fortalecimento das pesquisas históricas no Brasil.

No entanto, se por um lado a digitalização expandiu consideravelmente as possibilidades de acesso, por outro impôs desafios metodológicos que exigem uma reflexão crítica. A concentração das investigações nas fontes disponíveis online pode levar a uma limitação do escopo documental, restringindo as perspectivas analíticas que poderiam ser alcançadas considerando acervos mais amplos e variados.

Reconhecida como uma das principais referências no estudo da imprensa no Brasil, Tania de Luca tem chamado atenção justamente para essas limitações. Embora reconheça os avanços proporcionados pela digitalização, ela alerta para os riscos teóricos e metodológicos decorrentes da dependência dessas ferramentas. Em particular, ela enfatiza que a impossibilidade de acesso direto aos exemplares físicos inviabiliza a análise de dimensões materiais cruciais – como o tipo de papel, as escolhas tipográficas, a diagramação e outras características físicas –, elementos que são indispensáveis para uma compreensão mais aprofundada das condições de produção, circulação e recepção dos impressos.⁸

A essas inquietações soma-se a advertência recente de Hendrik Kraay, Celso Castilho e Teresa Cribelli a respeito das limitações inerentes à tecnologia de OCR (Reconhecimento Óptico de Caracteres), amplamente utilizada nas buscas por termos e expressões em acervos digitalizados. Embora essa ferramenta tenha ampliado significativamente as

⁸ LUCA, Tania Regina de. Escrita da história e impressos periódicos: do analógico ao digital. Anais do XXVII Encontro Estadual de História da ANPUH/SP, Campinas, Unicamp, 2024. Disponível em: https://www.encontro2024.sp.anpuh.org/simposio/view?ID_SIMPOSIO=150. Acesso em: 04 abr. 2025.

possibilidades de rastreamento textual, suas falhas de reconhecimento comprometem a integridade das pesquisas, deixando à margem conteúdos que escapam à leitura automatizada.⁹ Assim, as condições de acesso e as restrições impostas pelas tecnologias digitais não apenas orientam os caminhos da investigação, mas também exercem influência direta sobre as interpretações historiográficas que dela resultam.

Além disso, o estudo da imprensa se enriquece significativamente quando se amplia o repertório de fontes, ultrapassando os próprios periódicos para incorporar, por exemplo, documentos jurídicos e administrativos que lançam luz sobre seu funcionamento interno e os embates que a envolveram. Processos judiciais – como ações criminais por injúria impressa ou pedidos de habeas corpus –, registros das câmaras municipais, correspondências pessoais, iconografia e outras fontes permitem uma compreensão mais abrangente dos conflitos em torno da liberdade de expressão, das disputas políticas e dos mecanismos de regulação e controle que atravessaram o universo da imprensa. Ao integrar diferentes conjuntos documentais, abre-se espaço para uma compreensão mais diversificada e articulada das dinâmicas que moldaram a circulação dos impressos e, consequentemente, das ideias na esfera pública.¹⁰

⁹ KRAAY, Hendrik; CASTILHO, Celso Thomas; CRIBELLI, Teresa. Introduction: From Colonial Gazettes to the “Largest Circulation in South America”. In: KRAAY, Hendrik; CRIBELLI, Teresa; CASTILHO, Celso Thomas (Ed.). **Press, Power, and Culture in Imperial Brazil**. Albuquerque: University of New Mexico Press, 2021, p. 23-24.

¹⁰ Em relação ao esforço contínuo de ampliação do escopo documental para a história da imprensa, para além dos próprios jornais, destaco aqui as pesquisas recentes desenvolvidas no Núcleo de Estudos da Edição, Literatura e Imprensa (NEELIM) da Unicamp: NERY, Gabriela. **Trabalhadores do jornal**: organização e proletarização de repórteres e jornalistas no Rio de Janeiro, c.1870-1920. 2024. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2024. RIBEIRO, Cristiane de Paula. **Mulheres de pince-nez: imprensa feminina e o surgimento das jornalistas no Rio de Janeiro, 1852-1892**. 2024. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2024. Financiamento: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). GODOI, Rodrigo Camargo. Crimes de imprensa nos tribunais paulistas, 1859-1935. **Varia Historia**, v. 37, p. 155-184, 2021. GODOI, Rodrigo Camargo. Autoria e responsabilidade jurídica na imprensa brasileira do século XIX. **Remate de Males (Online)**, v. 43, p. 1-27, 2023.

O presente dossiê “Imprensa na história, histórias na imprensa”, publicado pela revista *História Social*, editada pelos estudantes de mestrado e doutorado do Programa de Pós-Graduação em História do IFCH/UNICAMP, integra de forma expressiva o movimento de renovação historiográfica que tem se consolidado nas últimas décadas. Reunindo estudos que tratam a imprensa não apenas como fonte documental, mas como agente ativo na conformação dos processos históricos, o dossiê reafirma a vitalidade e a centralidade desse campo de pesquisa no Brasil. Porém, mais do que acompanhar as tendências da historiografia recente, o dossiê as aprofunda, mostrando como a imprensa continua a ser uma chave interpretativa crucial para entender, em perspectiva histórica, as forças que moldaram a nossa sociedade.

Referências

- BASILE, Marcello Otávio. A politização nas ruas: projetos de Brasil e ação política nos tempos de Regências. Brasília: Senado Federal, 2022.
- BASILE, Marcello Otávio. Projetos Políticos e Nações Imaginadas na Imprensa da Corte (1831-1837). In: DUTRA, Eliana de Freitas, MOLLIER, Jean-Yves (Orgs.). Política, nação e edição: o lugar dos impressos na construção da vida política. Brasil, Europa e Américas nos séculos XVIII-XIX. São Paulo, Annablume, 2006
- CHALHOUB, Sidney; NEVES, Margarida de Souza; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda (org.). História em couças miúdas: capítulos de história social da crônica no Brasil. Campinas: Editora Unicamp, 2005.
- GODOI, Rodrigo Camargo. Autoria e responsabilidade jurídica na imprensa brasileira do século XIX. Remate de Males (Online), v. 43, p. 1-27, 2023.
- GODOI, Rodrigo Camargo. Crimes de imprensa nos tribunais paulistas, 1859-1935. Varia Historia, v. 37, p. 155-184, 2021.
- GRANJA, Lúcia. Machado de Assis: antes do livro, o jornal. Suporte, mídia e ficção. São Paulo: Editora da UNESP, 2018.

GRANJA, Lúcia. Machado de Assis, escritor em formação: à roda dos jornais. Campinas; São Paulo: Mercado de Letras; FAPESP, 2000.

GUIMARÃES, Valéria dos Santos. A imprensa francófona no Brasil: circulação transnacional e cultura midiática nos séculos XIX e XX. História (São Paulo), v. 38, p. 1-23, 2019.

KALIFA, Dominique; RÉGNIER, Philippe; THÉRENTY, Marie-Ève; VAILLANT, Alain (Dir.). *La civilisation du journal: histoire culturelle et littéraire de la presse française au XIXe siècle*. Paris: Nouveau Monde, 2011.

KRAAY, Hendrik; CASTILHO, Celso Thomas; CRIBELLI, Teresa. Introduction: From Colonial Gazettes to the “Largest Circulation in South America”. In: KRAAY, Hendrik; CRIBELLI, Teresa; CASTILHO, Celso Thomas (Ed.). Press, Power, and Culture in Imperial Brazil. Albuquerque: University of New Mexico Press, 2021, p. 23-24.

LUCA, Tania Regina de. Escrita da história e impressos periódicos: do analógico ao digital. Anais do XXVII Encontro Estadual de História da ANPUH/SP, Campinas, Unicamp, 2024. Disponível em: https://www.encontro2024.sp.anpuh.org/simposio/view?ID_SIMPOSIO=150. Acesso em: 04 abr. 2025.

LUSTOSA, Isabel. *Insultos Impressos: A Guerra dos Jornalistas na Independência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

MOREL, Marco. As transformações dos espaços públicos: imprensa, atores políticos e sociabilidades na Cidade Imperial (1820-1840). São Paulo: Hucitec, 2005.

NERY, Gabriela. Trabalhadores do jornal: organização e proletarização de repórteres e jornalistas no Rio de Janeiro, c.1870-1920. 2024. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2024.

NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira das. Corcundas e constitucionais: a cultura política da Independência (1820-1822). Rio de Janeiro: Revan / Faperj, 2003.

RIBEIRO, Cristiane de Paula. Mulheres de pince-nez: imprensa feminina e o surgimento das jornalistas no Rio de Janeiro, 1852-1892. 2024. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2024.